

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE MINAS GERAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

“O ALIENISTA”
UMA LEITURA DO OLHAR CRÍTICO DE MACHADO DE ASSIS

Dissertação apresentada como
requisito parcial para a obtenção do
grau de Mestre em Literatura de
Língua Portuguesa, junto ao
Programa de Pós-graduação em
Letras da Pontifícia Universidade
Católica de Minas Gerais

MARCO ANTÔNIO E. DA COSTA

2000

Dissertação aprovada pela seguinte Banca Examinadora:

Profª. Dra. Suely M. P. Silva Lobo

Profª. Dra. Maria do Carmo Lanna Figueiredo

Prof. Dr. Audemaro Taranto Goulart - Orientador

Profª. Dra. Ângela Vaz Leão - Coordenadora

Belo Horizonte, 24 de março de 2000.

Este trabalho foi realizado com Auxílio de bolsa de estudos do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

Agradecimentos

Para Carla, minha companheira de sempre.

Para meus pais, origem de tudo.

“... Não existe cultura que não seja sensível, na linguagem dos homens, a certos fenômenos com relação aos quais a sociedade toma uma atitude particular: estes homens não são considerados nem completamente como doentes, nem completamente como criminosos, nem inteiramente como pessoas normais. Há neles algo que fala da diferença e chama a diferenciação...”

(FOUCAULT, Michel. Doença mental e psicologia. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975, p. 78)

RESUMO

Este trabalho analisa o conto de Machado de Assis, *O Alienista*. Ficção centrada nos delírios de Simão Bacamarte, médico-psiquiatra, nela estão referidas as pretensões e impasses das concepções científicas do século XIX, em particular do Positivismo, que tem vínculos profundos com o nascimento das ciências Humanas. De um lado, a sede de explicação rigorosa de seu objeto, no caso, a loucura, e, de outro, o direito que se arroga de dizer a verdade a respeito da loucura e do louco e de agir sobre ele com plenos e legítimos direitos. A obra de Machado de Assis denuncia o vínculo entre ciência e poder bem como a usurpação, pelo homem de ciência, do direito que cada um tem de dizer a sua própria verdade. O que conduz à ironia final: parece haver mais loucura na pretensão de estabelecer com nitidez a linha divisória entre razão e loucura do que em perder-se entre seus supostos limites.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 – LOUCURA E SANIDADE	12
1.1 – A DEFESA DA OBSERVAÇÃO COMO PROCEDIMENTO CIENTÍFICO	12
1.2 – A IDÉIA DO ASILO – PRISÃO DOS LOUCOS	16
1.3 – A SEGURANÇA DE BACAMARTE: O RIGOR CIENTÍFICO	20
1.4 – A CONCLUSÃO SURPREENDENTE	28
2 – SITUANDO OS TEXTOS: O DISCURSO MACHADIANO	30
2.1 - VISÃO GERAL DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS	30
2.2 – O DISCURSO DE <i>O ALIENISTA</i>	45
2.3 – RAZÃO E DESRAZÃO, O DISCURSO DO PODER	51
2.4 – A LOUCURA POSTA EM QUESTÃO	58
3 – CONCLUSÃO	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	64

Humanidade, sentimento de simpatia que faz do aliviar a dor do outro, o alívio de si próprio. (J. Ferreira da Silva Filho)

INTRODUÇÃO

Este estudo pretende, a partir da leitura do conto *O Alienista*, de Machado de Assis, discutir as teorias acerca da sanidade e da loucura, surgidas em meados do século XIX, no Brasil, e de que forma elas foram compreendidas no universo ficcional machadiano.

O Alienista, de 1882, é a crítica corrosiva de Machado de Assis aos mitos da ciência de sua época. Para desenvolver o tema, o autor afirma que “um dos belos exemplos de convicção científica e abnegação humana” é relatado pela Vila de Itaguaí, testemunha de fatos de “tempos remotos”. (Machado de Assis. 1989:17). Esses “tempos remotos” seriam um artifício do autor para sentir-se mais à vontade na crítica às concepções científicas de sua época.

Sem precisar o texto no contexto histórico, não se pode entender a importância das críticas machadianas. É em meados do século XIX que começam a aparecer as primeiras teses médicas sobre a alienação mental e aos 18 de julho de 1841 o Imperador decreta a criação, na Praia Vermelha do Rio de Janeiro, do Hospício de Pedro II, modelado de acordo com as instituições francesas organizadas por Pinel e Esquirol. (Machado, 1978: 382-432).

No Brasil, até meados do século XIX, os loucos tiveram a mesma sorte de seus companheiros do “Contigente” da era pré-capitalista. Viviam soltos ou escondidos nos porões da Santa Casa, ou nas celas das prisões: e os de famílias de posses viviam trancafiados nos quartos, construídos para esta finalidade.

Em 1841, surge, no Rio de Janeiro, o Asilo Provisório; no ano de 1852, no mesmo local, é inaugurado o Hospício Pedro II e, nesta mesma ocasião, temos, em São Paulo, o Asilo Provisório. De 1860 a 1864, foram criados os seguintes hospitais: Casa de Saúde Dr. Enéias, no Rio de Janeiro, o Hospício de Alienados de São Paulo e o Hospital da Visitação de Santa Isabel em Olinda, Recife. No monarquismo brasileiro (1844-1898), foram erigidos 23 hospitais psiquiátricos. No período republicano (1903- 1954), 35 hospitais.

Deste modo, o que acontece no Continente, no final do século XVIII e início do século XIX, é a medicalização da loucura e a transformação dos internatos em hospitais, o que se dá no Brasil, no início do século XX, mais precisamente, quarenta anos após a construção do primeiro Hospício, o Pedro II. O que na Europa se deve a uma revolução social e a uma coerência ideológica é resultado no Brasil, da luta da classe médica pela hegemonia do poder nas instituições, criadas durante o Império e que, até então, estavam nas mãos de religiosas. A este fato se pode denominar de tomada de poder pela psiquiatria científica que procurou laicizar os hospitais.

Nesse contexto histórico, Machado de Assis aplica as idéias científicas à sua narrativa, como em *O Alienista* (1882), no qual o Doutor Bacamarte, já caracterizado pelo sobrenome, institui a ditadura da ciência com um autoritarismo feroz, que revela as duas faces da sátira machadiana: a da monomania ideológica e a da

crueldade do homem contra o homem em nome de princípios sagrados.

No conto, a vila de Itaguaí aparece, assim, como uma alegoria da sociedade brasileira oitocentista: se os costumes descritos são, ainda, os do Brasil colonial, as novidades da ciência de Simão Bacamarte são as mesmas que os psiquiatras do século XIX trazem à sociedade, pela via da medicina social.

***(...) Foi então que um dos recantos desta (a alma) lhe chamou a atenção – o recanto psíquico, o exame de patologia cerebral. Não havia na colônia, e ainda no reino, uma só autoridade em semelhante matéria, mal explorada, ou quase inexplorada. Simão Bacamarte compreendeu que a “ciência lusitana e, particularmente a brasileira, podia cobrir-se de “louros imarcescíveis” – expressão usada por ele mesmo, mas em um arroubo de intimidade doméstica; exteriormente era modesto, segundo convém aos sabedores.
(Machado de Assis: 1989:18)***

Nesse contexto, ao voltar o seu personagem para a cura da “saúde da alma”, Machado de Assis reproduz, ironicamente, na voz de Bacamarte, seu ceticismo em relação ao pensamento liberal e à racionalidade burguesa. Passagem inevitável, pois, a medicina foi, entre os brasileiros, o veículo de modernização.

A preocupação normativa dos médicos brasileiros em relação à vida social e familiar fundamentava-se, teoricamente, nas

modernas teses européias sobre a influência de fatores como o meio externo, aspectos geográficos, sociais e econômicos, na saúde dos indivíduos. Esta preocupação se evidencia n' *O Alienista*: "(...) D. Evarista reunia condições fisiológicas e anatômicas de primeira ordem: digeriu com facilidade, dormia regularmente, tinha bom pulso e excelente vista" (Machado de Assis, 1989:17).

Além disso, a revolução que o alienista da Casa Verde provoca na vida da população e na pacata vila alude à intervenção dos médicos nas questões administrativas do Estado. Nessa perspectiva, os "tempos remotos" muito mais do que falar de costumes passados parecem ironizar um presente cujo "non sense" essencial seria essa luta entre o passado dos hábitos e as necessidades da urgência de acertar o passo, como o progresso impunha.

Nesse caso, as poucas e nítidas fronteiras entre a loucura e a razão, a relatividade do que possa ser considerado razoável ou insensível é o assunto de *O Alienista*. No momento de transformações da elite brasileira, o tema serve de metáfora da precariedade e do equilíbrio de uma sociedade sob o impulso da modernização científica, indecisa entre seus costumes antigos persistentes e as inovações apresentadas como mais racionais.

Assim, a ciência de Simão Bacamarte, paródia da psiquiatria moderna e de suas intermináveis discussões sobre natureza da loucura, conduz seu porta-voz a ela: "A idéia de meter os loucos na mesma casa, vivendo em comum, pareceu em si mesma, um sintoma de demência e não faltou quem o insinuasse à própria mulher do médico". (Machado de Assis. 1989:19).

1 – LOUCURA E SANIDADE

1.1 – A DEFESA DA OBSERVAÇÃO COMO PROCEDIMENTO CIENTÍFICO

Como os autores franceses, que se ocuparam em estabelecer critérios psicopatológicos, Bacamarte passa a defender a observação como procedimento científico, mesmo sem dispor de qualquer prática asilar.

O “modus vivendi” dos hospitais pode ser discutido à luz de Goffman e Foucault, ou seja, a partir das noções de instituições totais, microssociedade ou macrosociedade. Tais concepções são escolhidas por possuírem um movimento de complementaridade e não de exclusão. A definição de “instituições totais” coloca-se da seguinte forma: local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrativa. (Foucault, 1978:33)

A principal ação dessas instituições sobre o ser humano é o da mortificação do eu. Estas pequenas sociedades diferem da sociedade moderna no seu modo de vida. Na grande sociedade, os indivíduos vivem em vários locais diferentes, sob autoridades também diferentes e sem um plano racional único. É exatamente o contrário que acontece na microssociedade. O plano racional único existente na microssociedade visa atender a seus objetivos e controlar as necessidades básicas da pessoa interna.

Dessa forma, essa pequena sociedade é um híbrido social por ser, parcialmente, comunidade residencial e, parcialmente organização formal. Nessa sociedade, há algumas características básicas como a vigilância mútua, que gera uma concepção dos outros por estereótipos limitados e hostis, identificação do prédio e nome da sociedade como posse da equipe administrativa. Como resultado final desse processo, tem-se a mortificação do eu.

A mortificação do eu dá-se pela desnudação imediata, sofrida pelos ingressos, do apoio dado pela concepção de si mesmos, pelas disposições sociais estáveis de seu mundo doméstica, pela participação automática na vida da pequena sociedade.

Conseqüentemente, tal situação tenderá a provocar a perda do equipamento de identidade e da segurança social, enfraquecimento das características de adulto, da autonomia social e do poder de escolha. Isto se manifestará em várias ocasiões: no tratamento sintonizado, dado à equipe administrativa, funcionários e paciente, na invalidação das fronteiras estabelecidas entre o indivíduo e o meio, na profanação das encarnações do eu, nas perdas da comodidade pessoal. O controle é exercido pela tensão entre o mundo doméstico e o mundo institucional. São estes os lugares estabelecidos para cuidar de pessoas “consideradas incapazes de cuidar de si mesmas”, ou que são vistas como uma ameaça social. Por este motivo, afirma-se que o bem-estar das pessoas ali colocadas não constitui o problema imediato das instituições totais. (Fragoso, 1984:32).

No entanto, parece a Heleno Fragoso que a compreensão do espaço que acolhe as pessoas “numa casa”, “vivendo em comum”, é mais ampla. Interessa a compreensão desse espaço que, no século XIX, acolhe e inscreve loucos em um movimento de idéias maior, em

procedimentos específicos que permitem caracterizar um processo de normalização que responde as demandas reais da sociedade brasileira. As teses de Bacamarte são desajeitadas, como desajeitada é a elite de Itaguaí, ao construir suas casas ao estilo europeu para contemplá-las embevecidas do lado de fora, como o albardeiro Mateus:

(...) Acabava de construir uma casa suntuosa. Só a casa bastava para deter e chamar toda a gente; mas havia mais, - a mobília que ele mandava vir da Hungria e da Holanda, segundo contava e que podia ver do lado de fora, porque as janelas viviam abertas – e o jardim era uma obra prima de arte e de gosto (...) Entre a gente ilustre da povoação havia choro e ranger de dentes, quando se pensava ou se falava ou se louvava a casa do albardeiro, um simples albardeiro, Deus do Céu! (Machado de Assis. 1989:32-33).

Nesse contexto, os processos terapêuticos de Bacamarte são relatados por Machado de Assis com um objetivo, numa ação deslocada para “tempos remotos”, criando um confronto entre a realidade colonial dos hábitos brasileiros e o fascínio temeroso das elites nacionais diante do moderno das idéias européias.

O texto machadiano alcança sua dimensão crítica à medida que testemunha o processo de normalização da sociedade brasileira, em suas idiossincrasias, como propriamente brasileira e se posiciona com ceticismo em relação a seus valores. Pode-se perceber no humor de *O Alienista* uma crítica perspicaz às intenções controladoras da nascente psiquiatria brasileira em relação à

população bem como uma compreensão exata das alianças entre ela e o poder político.

Todavia, a narrativa cresce, como se pode verificar no exemplo a seguir, especialmente na ironia à positividade experimental, altos níveis humanitários do saber psiquiátrico e à sua suposta vinculação com os princípios universais da razão - fato que legitimava, no discurso médico, a intervenção no social:

O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenómeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade. (Machado de Assis: 1989:21)

1.2 – A IDÉIA DO ASILO, A PRISÃO DOS LOUCOS

O *Alienista* crítica a idéia do asilo, da prisão dos loucos: “Sem este asilo, continuou o alienista, pouco poderia fazer; ele dá-me, porém, muito maior campo aos meus estudos”. (Machado de Assis: 1989-21)

A galera dos loucos aumentava dia a dia. Simão Bacamarte

... maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas é a encarnação das virtudes do cientista. Convidado para permanecer nas universidades da metrópole, recusa com abnegação: “a ciência disse ele a Sua Majestade, é o meu emprego único, Itaguaí é o meu universo”. (Machado de Assis, 1989-17)

Ao resistir às seduções do mundo e da glória, o Dr. Bacamarte define o caráter do cientista: o amor à ciência, o compromisso com a verdade, com a civilização e com o progresso – expressões de generosidade sempre presentes no discurso médico do século XIX. Ele delineia as características que o imaginário popular reconhecerá na figura do médico desinteressado e fiel aos mais altos ideais da civilização.

Em toda a sua existência, Bacamarte sacrifica seus interesses pessoais, ou melhor, só os tem na medida em que coincidem com os da ciência. Leva a cabo o modelo do “casamento higiênico” – o

pacto conjugal legitimado pela ciência, de acordo com os preceitos dos métodos higienistas promotores de uma população saudável para um novo país.

Nesse contexto, até a falta de atributos estéticos de dona Evarista é vista pelo ângulo da conveniência científica: essa ausência garante a dedicação integral que a ciência exige do médico, pois que elimina o risco de uma distração na contemplação da esposa.

Apesar das previsões, dona Evarista não engravida. E, mais uma vez, Machado confere um tratamento mordaz ao seu personagem que, no entanto, não abandona seu espírito científico, pois “esperou três anos, depois quatro, depois cinco”.

Ao cabo desse tempo, fez um estudo profundo da matéria, releu todos os escritores árabes e outros, que trouxera para Itaguaí, enviou consultas às universidades italianas e alemãs, e acabou por aconselhar à mulher um regime alimentício. (Machado de Assis. 1989:18)

A recusa de dona Evarista em fazer o regime, que implicaria abrir mão da “bela carne de porco de Itaguaí”, será causa da “total extinção da dinastia dos Bacamartes”. Se dona Evarista se recusa a alterar os seus hábitos alimentares, o desejo de paternidade de Simão é frustrado.

Essa desventura doméstica ilustra o que será, como outras modulações, o tema do conto: o sucesso da ciência e o fracasso pessoal do cientista. Desse fracasso inicial nasce outro interesse; “a ciência tem o inefável Dom de curar todas as mágoas”. Por isto, Bacamarte sonha com os “loucos imarcescíveis” que faria de sua pesquisa, pelo inexplorado do assunto, um sucesso dentro da sociedade científica brasileira.

A reivindicação médica de um espaço terapêutico aparece já na primeira metade do século, lado a lado com a crítica à situação dos loucos nos hospitais. No final do século XVIII, Pinel introduziu o tratamento moral que consistia na atenção à mente.

Deve reconstituir em torno deles (loucos) todo um encadeamento moral que transforma o asilo em uma instância perpétua de julgamento, o louco tinha que ser vigiado em seus gestos, rebaixado nas suas pretensões, ridicularizado nos seus erros. (Resende, 1987,26)

Pinel não eliminou o tratamento anterior. Acrescentou-lhe o caráter puramente repressivo e moral. Criaram-se, nesse período, dois novos instrumentais: a máquina rotatória e a gaiola móvel, em que pretendiam recolocar o curso de espíritos em seu circuitos naturais.

Paralelo ao tratamento científico, encontra-se o tratamento empírico. Este tratamento foi atribuído aos guardas de seguranças,

mantenedores da disciplina. Heitor Resende (1987) descreve o tratamento dispensado aos loucos pela psiquiatria empírica:

***Viviam nos porões da Santa Casa ou nas celas das prisões. Encontrava-os presos a troncos, sem assistência médica, entregues a carcereiros e guardas... em seus delírios e agitações eram reprimidos por espancamento e contenção nos troncos... Condenados por maus tratos físicos, desnutrição e doenças infecciosas e a morte.
(Resende. 1987.38)***

Referindo-se aos primeiros quarenta anos do asilo no Brasil, escreve ele:

***Além disso, do mesmo modo como no período anterior(antes da existência da instituição asilar) persistiam as denúncias de maus tratos, imundice, superlotação, baixa qualificação, truculência nos atendimentos e falta de assistência médica. No Pedro II, os doentes eram vítimas das camisolas de força, dos jejuns impostos, de cacetadas e, até mesmo do assassinato.
(Resende. 1987.46)***

Dessa forma, ao adentrar o asilo, a medicina recebe o louco com toda a carga de estigmas, trazido dos séculos anteriores. E é a partir dos estigmas que se inicia o tratamento, é nesta confusão de doente

estigmatizado que a loucura se tornou um fato que concerne à alma humana, sua liberdade e culpa: dimensão da interioridade. Ela está encerrada no sistema primitivo onde o louco, minorizado, aparenta-se à criança e onde a loucura, culpabilizada, acha-se, originalmente, ligada ao erro. O médico, como seu tutor, responde, assim, ao desafio da administração e controle legal da loucura da sociedade liberal que via na loucura configuração da desordem social.

Machado de Assis sempre acompanhou, em suas crônicas, as discussões sobre as vicissitudes administrativas e os incidentes relacionados ao Pedro II. Tal interesse testemunha uma preocupação ausente nas considerações científicas e institucionais referentes à loucura.

O cronista, de diversas formas, toma partido ou, ao menos, dá voz ao louco. O lucro humorístico da escolha é secundário diante de suas virtualidades críticas às convenções e limites da razão. Em 1894, Machado de Assis participa do debate sobre direitos do Estado ou da Santa Casa na administração do agora republicano Hospício Nacional dos Alienados, argumentando, na voz de um alienado, a favor da sensata solução de entregá-la aos loucos. (Barreto F., 1939)

1.3 – A SEGURANÇA DE BACAMARTE: O RIGOR CIENTÍFICO

Em *O Alienista*, Simão Bacamarte propõe, à atônita Câmara de Itaguai, a construção de um asilo para os loucos. A descrição de

Machado de Assis da reação negativa da população, bem como a futura conseqüência dos fatos, delineia o choque entre os hábitos antigos e as inovações apressadas do século: “(...) a proposta excitou a curiosidade de toda a vila, e encontrou grande resistência, tão certo é que dificilmente se desarraigam hábitos absurdos, ou ainda maus”. (Machado de Assis, 1989:19)

Num primeiro instante, pode-se pensar que a opinião do narrador coincide com a do cientista: há nas pessoas uma tendência irracional, contrária às mudanças, mesmo se benéficas.

O alienista defende a sua proposta frente à Câmara e obtém uma verba pela taxaço dos penachos usados nos cavalos nas cerimônias, o que coincide, mais uma vez, com a realidade carioca. Também o Hospital Pedro II fora financiado com o que o seu idealizador – José Clemente Pereira - chamou de “imposto sobre a vaidade”, o dinheiro de loterias e de títulos mobiliários.

A Casa Verde será servida por uma administração, um corpo de ajudantes, por um regulamento, todos submetidos ao olhar vigilante de Simão Bacamarte: esses agentes serão o olhar da ciência, prologamento do olhar do doutor Bacamarte, arremedo da pirâmide de olhares que organiza as instituições modernas. Com a inauguração da Casa Verde, “uma torrente de loucos” começa a se estender pela vila.

De todas as vilas e arraias vizinhos afluíam loucos à Casa Verde. Eram furiosos, eram mansos, eram monomaniacos, era toda a família dos deserdados de espírito. Ao cabo de quatro meses a Casa Verde era uma povoação. A inclusão dos monomaniacos nessa classificação dos habitantes da Casa Verde é outra indicação do caráter contemporâneo de *O Alienista*.

O conceito de monomania de Esquirol havia revolucionado a compreensão da doença mental. A loucura, entendida até então como desordem da razão, era estritamente pensada como perda ou desarranjo das faculdades intelectuais. Considerando o fenômeno de delírio, esse autor constata a presença de uma loucura parcial referida a um único objeto.

Daí, o autor passa a estudar as paixões, ou afeto, tendo-se então, compreensão de que a alienação mental é mais uma desordem do afeto do que da inteligência, ou seja, a compreensão de que a loucura é mais um fenômeno moral do que intelectual. O deslocamento da questão se concretiza no conceito de monomania, que dá conta de casos de alienação mental onde o delírio é quase imperceptível. Tal teoria remete a loucura ao comportamento moral e social e permite a intervenção da medicina no social.

Como Bacamarte, a psiquiatria brasileira nascente se põe a buscar a loucura no comportamento social aparentemente normal. Internamente, o espaço da Casa Verde organiza-se em função da nosologia médica, dentro da qual Bacamarte classifica os seus enfermos em duas classes: “os furiosos e os mansos” e daí às várias subclasses: “monomanias, delírios, alucinações diversas”.

A Casa Verde, nessa perspectiva, sintonizava-se com as preocupações científicas da vanguarda dos psiquiatras brasileiros na organização dos hospícios, e o método de Bacamarte está de acordo com os preceitos da psiquiatria do século XIX, consistindo uma permanente observação dos hábitos, aversões, simpatias,

palavras, gostos, tendências dos doentes. O Dr. Bacamarte era um cientista nos moldes de Pinel e Esquirol.

A psiquiatria é a observação científica contínua, no espaço asilar do comportamento dos doentes. E é, também, um inventário da vida do indivíduo, das causas e das condições da eclosão da doença. Tal exame meticuloso da vida do doente obedece a uma tecnologia de individualização presente no projeto disciplinar e normativo da medicina do século XIX.

Nesse contexto, Bacamarte, caricatura do cientista social, arauto da modernidade, age de acordo com os preceitos de sua época, de modo devastados, uma vez que o temor que inspirava vem do rigor da ciência, da verdade de que se apossa:

Bacamarte espetara na pobre senhora um par de olhos agudos como punhais. Quando ela acabou, estendeu-lhe a mão polidamente, como se o fizesse a própria esposa do vice-rei e convidou-a a ir falar ao primo. A mísera acreditou; ele levou-a a Casa Verde e encerrou-a na galeria dos alucinados. (Machado de Assis, 1989: 31-32)

O medo que o Dr. Bacamarte inspira, devido a sua capacidade de perscrutar os recônditos da loucura pela autoridade de seu saber, justifica a sua insistência em atribuir-se a própria “atitude científica”: “Pobre moço! Pensou o alienista” e continuou consigo: trata-se de um caso de lesão cerebral, um fenômeno sem gravidade, mas digno de estudo. (Machado de Assis. 1989:37)

As observações clínicas fazem o Dr. Bacamarte renunciar, na construção de sua teoria, as antigas suposições. Como cientista que é, não hesita em afastar as hipóteses errôneas e adotar outras, mesmo que contra a autoridade daquelas antigas certezas. O cientista, sob a égide da ciência, pode deixar verdades antigas, mesmo às custas de uma revolução em seus preceitos e decisões. A Loucura, “uma ilha perdida no oceano da razão”, passa a ser compreendida como um continente. Simão repensa sua prática, pois, a loucura e suas hipóteses são legitimadas através de exemplos da história:

No conceito dele, a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros; e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos. Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí, mas, como um raro espírito que era, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí, e refugiou-se na história. Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres, Sócrates, que tinha um demônio familiar, Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calígula etc... Uma enfiada de casos e pessoas em que de mistura vinham entidades odiosas, e entidades ridículas. (Machado de Assis. 1989:27)

A descoberta é “caso de matraca”, ou seja, de divulgação:

“Sempre haverá tempo de dar à matraca”, sendo que a velha matraca colonial desempenha o papel de divulgação da literatura médica para leigos. E, para Machado de Assis, o povo acredita no divulgado por acreditar no sistema de divulgação.

Como a psiquiatra oitocentista, às voltas com as ambigüidades de seus conceitos, o doutor Bacamarte quer estabelecer os limites da razão e da loucura. A razão é “o perfeito equilíbrio de todas as faculdades; fora daí, insânia, e só insânia”. Assustado com essa audácia, o Padre Lopes pergunta: “Para que transpor a cerca?” Mas o médico se contenta em estender a mão à teologia sem dar uma resposta objetiva.

Com as novas conquistas da ciência de Bacamarte, “Itaguaí e o universo ficavam à beira de uma revolução”. A ação da ciência é rápida, espalha-se como a volúpia científica do alienista. Acompanhado do boticário Crispim, passeia pelas ruas da vila, detectando os loucos de Itaguaí. Em pouco tempo, “não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido.”

Esse problema - o de delimitar a razão e a loucura – não é exclusivo de Simão Bacamarte. Todas as teses médicas da época machadiana tratam dele, pela própria imprecisão que o conceito de monomania introduzira, permitindo uma aproximação entre o estudo da alienação e a filosofia.

Essa tênue demarcação entre o normal e o patológico torna imperativo, para a psiquiatria, o estudo do comportamento normal. O estudo da inteligência e faculdades afetivas do homem não poderá ser completo se não o considerarmos tanto no estado são e ordinário, como nos diferentes graus de aberração que constituem as numerosas variedades de alienação mental. (Canguilhem, 1978)

Nessa perspectiva, considerando a monomania, o médico do século XIX observa que é a “forma de loucura que apresenta mais

dificuldades para ser diagnosticada, porquanto o médico não poderá demarcar precisamente os limites que separam esse estado do de razão.” (Canguilhem, 1978)

Dessa forma, se a evidência da loucura desaparece sob as novas teorias da psiquiatria francesa, apenas a observação permanente e pormenorizada das condutas pelo olhar científico poderá discernir a loucura.

É o que faz Simão Bacamarte, perscrutando a população de Itaguaí. Machado ilustra essa vigilância com ironia:

“Não se sabia já quem estava são, nem quem estava doido. As mulheres, quando os maridos saíam, mandavam acender uma lamparina a Nossa Senhora; e nem todos os maridos eram valorosos... quem podia emigrava”.
(Machado de Assis. 1989: 37, 38)

A população recorre, inicialmente, por meio de uma representação à Câmara, que se recusa a aceitá-la, entendendo que “a ciência não podia ser emendada por votação administrativa, menos ainda por movimento de rua”. Bradando contra o “despotismo científico”, investigando a massa contra a Casa Verde, a “Bastilha da razão humana”, o barbeiro Porfírio quase perde a sua liderança ao defronta-se com a “serenidade” da ciência, no discurso do doutor Bacamarte:

“Meus senhores, a ciência é cousa séria, e merece ser tratada com serenidade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos mestres e a Deus. Se quereis emendar a Administração da Casa Verde, estou pronto a ouvir-nos, mas se exigis que me negues a mim mesmo, não ganhareis nada. Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos, mas não o faço porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos, nem a rebeldes.” (Machado de Assis. 1989:43)

A ciência e o governo dão-se as mãos e reconhecem, nessa aliança, a condição para o controle, a obediência do povo: “Unamo-nos, e o povo saberá obedecer.”

A população irá, ainda uma vez e inutilmente, rebelar-se contra a “corrupção” de Porfírio pela ciência. As forças do vice-rei intervêm e tudo se resolve em benefício dos ideais de Simão Bacamarte. A Casa Verde materializa as novas teorias do alienista que, ao descobrir que “não havia teorias do alienista que, ao descobrir que “não havia regra para a completa sanidade mental”, interna sua mulher.

Um dia de manhã – dia em que Câmara devia dar um grande baile, a vila inteira ficou abalada coma notícia do que a própria esposa do alienista fora metida na Casa Verde. Ninguém acreditou; devia ser invenção de algum gaiato. E não era: era a verdade pura. D. Evarista fora recolhida às duas horas da noite.”(Machado de Assis. 1989:54)

1.4 - A CONCLUSÃO SURPREENDENTE

Sempre fiel ao experimentalismo, Simão Bacamarte não hesita em reexaminar, mais uma vez, toda a sua teoria. Depois de longos estudos que concluem as longas observações da Casa Verde, oferecia à Câmara a sua nova hipótese:

1º que verificara das estatísticas da vila e da Casa Verde, que quatro quintos da população estavam aposentados naquele estabelecimento; 2º que esta deslocação da população levara-o a examinar os fundamentos de sua teoria das moléstias cerebrais, teoria que excluía do domínio da razão todos os casos em que o equilíbrio das faculdades não fosse perfeito e absoluto; 3º que desse exame e do fato estatístico resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto; 4º, que à vista disso, declarava à Câmara que ia dar liberdade aos reclusos da Casa Verde e agasalhar nelas as pessoas que se achassem nas condições agora expostas; 5º, que tratando de descobrir a verdade científica, não se pouparia a esforços de toda a natureza, esperando à Câmara igual dedicação; 6º que restituía à Câmara e aos particulares, a soma do estipêndio recebido para alojamento dos supostos loucos, descontada a parte, efetivamente gasta com a alimentação, roupa, etc; o que a Câmara mandaria verificar nos livros e aras da Casa Verde. (Machado de Assis. 1989: 55, 56)

Sua nova classificação de comportamento das pessoas equilibradas substitui a galeria dos delirantes, monomaniacos, alucinados, pela dos modestos, dos tolerantes, dos sagazes, dos sinceros, etc.

Os critérios de classificação revelam-se rapidamente eficazes. Apagam-se as distinções entre a razão e a loucura e confirma-se a suspeita do senso comum sobre a insensatez do internamento. Agora, não há mais loucos em Itaguaí. A refutação da universalidade da afirmação está no próprio alienista. Fiel à sua conclusão, “mais alegre do que triste”, justificando aos amigos e familiares inconsoláveis que “a questão é científica”, da casa verde, entregou-se ao estudo e à cura de si mesmo. Dizem os cronistas que ele morreu dali a dezessete meses, no mesmo estado em que entrou, sem ter podido alcançar nada.“

A teoria do Dr. Bacamarte reproduz as questões acerca da santidade e da loucura que preocupavam os estudiosos da psiquiatria nascente. Com ele, Bacamarte não conclui e, até hoje, discute-se sobre a eficácia da exclusão social dos “desviantes” que, por sua origem, foi, é e será um anacronismo.

Assim, O Alienista se reveste de especial importância, na medida em que possibilita leituras que remetem à discussão entre os limites da loucura e da santidade, ultrapassa as fronteiras da obra de arte, atingindo o “status” de arte engajada no seu tempo e na sua história.

2. SITUANDO OS TEXTOS: O DISCURSO MACHADIANO

2.1 – VISÃO CRÍTICA DA OBRA DE MACHADO DE ASSIS

O romance moderno, do século XVIII ao começo do século XX, partiu de uma complicação crescente da psicologia dos personagens, com uma simplificação técnica imposta pela necessidade de caracterização. Assim, desenvolveu e explorou uma tendência constante do romance de todos os tempos, acentuada nesse período, de tratar as personagens de dois modos principais: 1) como seres íntegros e facilmente delimitáveis, marcados com certos traços que os caracterizam; e 2) como seres complicados, que não se esgotam nos traços característicos, mas tem certos poços profundos, de onde pode vir o desconhecido e o mistério. (Cândido et al., 1970:60)

Portanto, o romance, a partir do século XVIII, consistiu numa passagem do enredo complicado com personagens simples para o enredo simples (coerente, uno) com personagens complicado.

Além disso, o romance passa a abordar os personagens de modo linear, retomando, no plano da técnica da caracterização, a forma incompleta com que elaboramos o conhecimento dos nossos semelhantes. Contudo, na vida, a visão fragmentária é imanente à própria existência, uma condição já estabelecida, uma vez que somos seres inacabados. Por sua vez, no romance, ela é criada, é estabelecida e racionalmente dirigida pelo escritor, que delimita e

encerra, numa estrutura elaborada, a aventura sem fim, que é, na vida, o conhecimento do outro.

Esta simplificação pode consistir numa escolha de gestos, de frases, de objetos significativos, marcando o personagem para a identificação do leitor, sem diminuir a impressão de complexidade e riqueza.

No romance, o escritor estabelece algo mais coeso, menos variável, que é a lógica do personagem. Podemos variar relativamente a interpretação do personagem, mas o escritor lhe deu, desde logo, uma linha de coerência fixada para sempre, delimitando a curva de sua existência e a natureza do seu modo de ser.

Com os recursos de caracterização, i.e., os que ele utiliza para descrever e definir o personagem, o romancista é capaz de dar a impressão de um ser ilimitado, contraditório, infinito na sua riqueza, criando o personagem como um todo coeso ante o leitor. Por isso, essa compreensão que vem do romance é muito mais precisa do que a que nos vem da existência. O personagem parece mais lógico, embora não mais simples, do que o ser vivo.

Desta forma, a vida do personagem depende da economia do livro, da sua situação em face dos demais elementos que o constituem. É o desejo de só expor a “substância da vida”, de acordo com Machado de Assis, em *Brás Cubas*.

O escritor escolhe os elementos bastante indicativos para apresentar o personagem, física e espiritualmente. Por exemplo, em *Dom Casmurro*, Capitu é primeiramente descrita como tendo “olhos de ressaca”, de “certo ar de cigana, oblíqua e dissimulada”. O resto sobre ela vem no decorrer da sua inserção nas diversas parte de *Dom Casmurro*. Assim, logo se mostra uma intuição nítida da sua fisionomia. (Cândido et al., 1970:78).

“Retórica dos namorados, dá-me uma comparação e poética para dizer o que foram aqueles olhos de Capitu. Não me acode uma imagem capaz de dizer, sem quebra de dignidade do estilo, o que eles foram e me fizeram. Olhos de ressaca? Vá de ressaca. É o que me dá idéia daquela feição nova. Traziam não seu que fluído misterioso e energético, uma força de arrasta para dentro, como a vaga que se retira da praia, nos dias de ressaca.” (Machado de Assis. 1977:44)

O autor trabalhou os elementos adequadamente, pois, ela parece existir, com maior integridade e nitidez do que um ser vivo. A composição estabelecida atua como uma espécie de destino na vida de um ser, e os contextos adequados asseguram o traçado convincente da personagem. Capitu é o enigma da mulher na imaginação do autor e do personagem que não tem condições psicológicas de possuí-la com toda sua sensualidade e sua fortaleza femininas. Bentinho parece consternado, na puberdade, com medo se ser um homem e de ser pai. “Sou homem! Quando repeti isto, pela terceira vez, pensei o seminário, mas como se pensa em perigo que passou, um mal abortado, um pesadelo extinto”. (Machado de Assis. 1977:49)

Os realistas do século XIX muito utilizaram esse povoamento do espaço literário pelo pormenor, i.e., uma técnica de convencer pelo exterior, pela aproximação com o aspecto da realidade observada.

Em seguida, fizeram o mesmo em relação à psicologia, sobretudo pelo advento e generalização do monólogo interior, que sugere o fluxo inesgotável da consciência.

Em ambos os casos, há a referência, estabelecimento de relação entre um traço e outro, para que o todo se configure, ganhe significado e poder de convicção.

Com isso, vemos que os escritores realistas procuram ser objetivos e impessoais, evitando qualquer manifestação de envolvimento sentimental com os fatos narrados. A linguagem narrativa passa a ser mais minuciosa, com os autores procurando criar a impressão de realidade por meio de acúmulo de detalhes.

Machado de Assis, um escritor do Realismo, teve como preocupação constante a análise do comportamento humano. O escritor vai além das aparências e procura atingir os motivos essenciais da conduta do homem, descobrindo neles o egoísmo, a luxúria, a vaidade. Por trás dos atos aparentemente bons e honestos, ele surpreende as intenções verdadeiras, o orgulho e a cobiça, desmascarando a hipocrisia humana.

Com humor e pessimismo, o autor mostra a vida como um campo de batalha, onde os homens lutam e procuram destruir-se

para gozar poucos momentos de prazer e satisfazer seus desejos de riqueza e ostentação. A natureza assiste ao drama humano com indiferença, e a religião não é senão uma máscara para encobrir o egoísmo dos indivíduos.

Nele, o enredo, a ação e o tempo da narrativa não têm uma seqüência linear, ficando subordinados ao interesse da análise. Os fatos só têm sentido em função da análise da consciência humana. A lógica da narrativa é predominantemente interna.

Em *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e em *Dom Casmurro*, Machado de Assis, embora contido em suas reações individuais, não se subtrai a flagrar os mecanismos da criação estética, mesmo por forma humorística, onde o escritor evidencia suas preocupações com o próprio ofício, às vezes de maneira excessiva e mesmo inoportuna, explicando essa ou aquela particularidade técnica da narrativa, como um pretexto para digressão.

Machado de Assis usou bem as minúcias de natureza técnica ou artística, num divertimento aleatório, insinuando com isso que se lhe impunha explicar os diferentes recursos utilizados na trama de sua narrativa. Suas explicações são conversa cifrada e, por esse meio, o narrador foge sutilmente à trilha comum, explorando quase sempre o ingênuo suspense que precede a revelação de muitos segredos.

Machado dirige-se aos leitores, de formas as mais variadas: “leitor”, “leitor amigo”, “desgraçado leitor”, “leitor precoce”, “meu amigo”, “senhor meu amigo”, “leitora minha devota”, “leitora caríssima”, “dona leitora”, “querida” ou “leitora”. Isto representa um

complexo de linguagem e matizes estilísticos que concilia todos os contrários, propiciando a assimilação integral. Interrompendo arbitrariamente o fio da narrativa, ela perde em fluidez natural o que ganha em vivacidade e imprevisto. Isto permite ao romancista adotar o rumo estético mais compatível com a dubiedade e incertezas de que pôde afinal tirar o máximo rendimento artístico. (Gomes, 1967)

O romance de Machado de Assis da segunda fase situa-se nas características do Realismo, pois descreve a realidade social e psicológica tal como ela é, tendência que ainda predomina em todas as principais literaturas ocidentais.

Machado de Assis, em sua primeira fase, apresenta características de ironia e humor, no modelo romântico (ex. *Contos Fluminenses*, *Histórias da Meia-Noite*, *A Mão e a Luva* e *Helena*), sendo *Iaiá Garcia* um romance de transição para a fase seguinte.

Na segunda fase, Machado de Assis, a partir de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, torna sua obra original no tema e no estilo, mostrando um trabalho de elaboração consciente, ao abordar e analisar a alma humana em profundidade. Nessas características, e com o pessimismo de sua filosofia, Machado faz um monumental desfile de personagens, geralmente egoístas, tolos, caprichosos e mesquinhos, da abastada sociedade do Rio de Janeiro, em fins do século XIX, início do XX.

Alguns exemplos dessa crítica encontram-se em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que o personagem diz que “se tinha alguma coisa boa, era no feral viciosa, incompleta e, às vezes negativa”. A mãe é descrita como “uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração”.

Também em *Quincas Borba*, a crítica machadiana está na filosofia desse personagem. Quincas Borba afirmava que só existia um princípio indestrutível na humanidade: o instinto de sobrevivência, chamada *Humanitas*.

Há em Machado, um núcleo que determina a presença de temas recorrentes, tais como, a loucura, a traição e uma reflexão profunda sobre as instituições brasileiras e as características do ser humano. A singularidade de Machado está exatamente em criar ficcionalmente a partir da reflexão sobre o mundo. O discurso literário de Machado se antecipa ao seu tempo, numa atitude premonitória. (Lima, 1981:58)

Em Machado, a pedra de toque é a presença da morte e da esterilidade, nomes que nele indicam a presença do vazio. E, ainda, a presença da loucura que se faz por meio do deslocamento. A dor é pura ilusão porque o que importa, não é a sensação sofrida pelo indivíduo, mas a natureza do sujeito.

Machado de Assis trabalha contra a grade eloquência, contra a retórica romântica. No seu estilo há a desidealização do amor e a busca de si mesmo. Além disso, a visão humanista predomina enquanto tema, através da sátira e da ironia. Machado mistura a ciência com um olhar filosófico pessimista e visa emprestar à História uma visão humanizadora. Em outras palavras, a sátira machadiana vai contra o mecanismo da ciência e a favor da Natureza que será, freqüentemente, cruel e ingrata ao homem.

Pode-se retratar a filosofia pessimista de Machado como se vê em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*: “- Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”.

Também, encontramos em *Esaú e Jacó* a descrição da mesma sociedade abastada e ociosa, mostrando o egoísmo do personagem, mesmo no sentimento da maternidade:

***“No meio disso, a que vinha agora uma criança a deformá-la por meses, obrigá-la a recolher-se, pedir-lhe as noites, adoecer dos dentes e do resto? Tal foi a sensação da mãe, e o primeiro ímpeto foi esmagar o gérmen”.* (Machado de Assis. 1998:26)**

Machado de Assis, ao que parece, também se mostra pessimista, irônico e anedótico em *Dom Casmurro*, considerada sua obra-prima. A história é banal, uma história de adultério e ciúmes. Bento Santiago, o personagem, velho e solitário, narra a história de uma paixão que tem, desde menino, por uma mulher, Capitu. Conta a traição da mulher com Escobar, também amigo de infância, embora nunca provada positivamente, provavelmente só existindo na imaginação de Bentinho.

Portanto, Machado cultivou, com excepcional sensibilidade, um romance de características bem definidas: análise em profundidade do mundo psicológico; redução dessa análise a sínteses muito claras; observação do ambiente humano que envolvia o mundo psicológico.

No Realismo, Machado de Assis trata de temas contemporâneos: adultério, com suas várias modalidades morais e múltiplas conseqüências (*Dom Casmurro* e *Quincas Borba*) o intelectualismo, traduzido na obsessão de uma filosofia que explicasse, em termos claros, a orgânica da vida psíquica e do Universo (teoria do Humanitismo, posta com ironia e humor (*O Alienista*, *Quincas Borba*), a psicologia dos estados mórbidos: delírio, sonho, alucinação, estado inconscientes e loucura (*O Alienista*).

Da extensa e variada obra de Machado, composta de contos, romances, crônicas, comédias, poesia, crítica e correspondência, talvez o melhor e mais representativo de sua personalidade esteja nos contos e nos romances escritos a partir de 1911. Foi no conto que o autor se realizou plenamente e este gênero foi que melhor correspondeu aos seus ideais artísticos e às possibilidades e qualidades do seu espírito criador.

De tal modo Machado se afeiçoou ao conto que seus melhores romances estão, na técnica de construção e elementos, mais próximos do conto. Esta construção está relacionada à unidade dramática, à síntese e à concentração dos elementos componentes: narração, descrição, diálogo e reflexão.

Tanto os romances como os contos de Machado têm características muito específicas e individuais, quer de conteúdo, quer de forma. Para compensação das características formais, é preciso não esquecer que Machado levou sempre a extremo a preocupação com a estética da obra, no que diz respeito à expressão como também à articulação dos elementos do drama (personagens e suas razões morais, psicológicas e sociais).

Daí suas obras terem grande coerência interna, pela força expressiva e pelo acabamento estilístico. Machado evitou sempre o anedótico e o pitoresco da sociedade em que se confinou em toda sua existência sedentária, e procurou, com invulgar agudeza na penetração das almas, devassar os abismos da consciência e do sentimento dos tipos, humanos que criou. Diante do essencial dramático das almas, Machado não só nos oferece um sentido profundo e complexo do psiquismo, bem como da existência.

A atitude moral e intelectual é muito bem definida pelo velado pessimismo, pela refinada ironia e pelo humor. Contudo, seu humor, sua ironia e mesmo seu pessimismo brotam de uma consciência dolorosa das forças misteriosas que movem a vida e da impossibilidade de o homem mudar o sentido fatal dessas forças que lhe determinam o destino.

Machado traz ao leitor esta consciência da impossibilidade de nossa inteligência de nossa inteligência compreender todo o mistério da vida. Aí reside a essência de sua obra dentro de uma poderosa e inconfundível qualidade estilística. (Amora, 1965:112)

Em Machado há uma política do texto, um verdadeiro palimpsesto, no qual um texto inofensivo encobre outro, crítico.

Sob o texto polido, Machado de Assis escudava-se de uma sociedade fútil e hostil à intelectualidade e desenvolvia seu humor, riso dessacralizante, disfarce contra o cepticismo.

Na sátira *O Alienista*, o texto parece indagar: O que é a loucura? A resposta, quem do verdadeiro olhar de Machado sobre o mundo, repousa na delicada articulação entre ciência e poder, em que o autor questiona as relações entre estas, como o atesta a negociação entre Porfírio e Bacamarte, após a destituição da câmara, liderada pelo primeiro.

“A generosa revolução que ontem derrubou uma câmara vilipendiada e corrupta, pediu em altos brados o afastamento da Casa Verde; mas pode entrar no ânimo do governo eliminar a loucura? Não. Ele o governo não pode eliminar, está ao menos apta para discriminá-la, reconhecê-la? Também não; é matéria da ciência.

Logo, em assunto tão melindroso, o governo não pode, não deve, não quer dispensar o concurso de Vossa Senhoria. O que lhe pede é que de certa maneira demos alguma satisfação ao povo.

(Machado de Assis. 198:50)

Machado apresenta um Bacamarte caricatural, um estereótipo do cientista ou médico pesquisador do Séc. XIX, período no qual o autor está imerso, um alienista, enfim, que crê em uma ciência “pura”, alheia a questões materiais ou ideológicas.

Meus senhores, a ciência é cousa séria, e merece ser tratada com seriedade. Não dou razão dos meus atos de alienista a ninguém, salvo aos Mestre e a Deus.

O *Alienista*, portanto, questiona as modernas práticas acerca da doença mental, a objetividade científica e sobretudo, o modo como os seres humanos vêm e pensam a si próprios. (Lima. 1991.32)

Outra leitura possível, é a de que ocorre n'O *Alienista* uma relativização do absoluto para além do pessimismo, a indiferença. Assim, além da impressão sobre normalidade / loucura, há a crítica mordaz ao cientificismo do século. (Bosi. 1994.182)

Machado de Assis foi contemporâneo de importantes transformações na sociedade brasileira do século XIX. O atabalhoado processo de modernização que se impunha a um Brasil mal saído da Colônia foi o material que nutriu significativamente sua obra de ficção e as crônicas que publicava na imprensa diária. Lançando um olhar radicalmente crítico sobre as transformações em curso na época, Machado não se mostrava entusiasta da “nova ordem” que pretendia “civilizar” o país.

Em seus escritos eram veementemente negados valores fundamentais da modernidade – em particular a noção de progresso e o crescente privilégio do discurso científico, uma idéia de verdade única e tiranizante. Machado, porém, não o fazia em nome de um conservadorismo restaurador. O que inspira seus comentários implacáveis pode ser melhor compreendido sob a perspectiva de uma Razão cética.

Tais características remetem, de imediato, a *O Alienista* (1882), demolida crítica aos movediços fundamentos frágeis de um discurso científico que pretendia estabelecer distinções entre a

normalidade e loucura. É sob o prisma da medicina que Machado lê o processo de modernização do Brasil, entendia como um “projeto de medicalização da sociedade”, uma postura essencialmente normativa e “organizadora”.

No início do século XIX, a medicina deixa de ser um instrumento do Estado, tornando-se elemento fundamental à materialização de uma planificação social que estabeleceria condições ideais para as mudanças a serem operadas. No primeiro momento, o discurso médico impõe transformações urbanas no Rio de Janeiro, procurando instaurar um meio “saudável” segundo uma concepção de saúde pública que reconhecia na ordenação e higienização do ambiente urbano fatores definitivos para o bem-estar dos habitantes.

Na medida em que o Rio se constituiu uma concentração urbana organizada segundo os moldes da cidade européia, a estrutura patriarcal cede lugar progressivamente à família moderna. Os imperativos desta mudança mais uma vez relacionam com a noção de higienização: a estrutura colonial se caracterizava pelo isolamento, resultante de certa autosuficiência do universo familiar, que tinha no senhor sua autoridade máxima e única. Este espaço fechado para o mundo caracterizava-se por frouxos hábitos de limpeza e pela promiscuidade socialmente aceita nos relacionamentos entre o senhor e suas escravas.

A nova ordem familiar é marcada por um processo de individualização condizente com o habitante urbano: o centro do núcleo familiar desloca-se do pai para o casal; elimina-se o espaço comum entre os “agregados” (e escravos) e os membros da família. O **indivíduo** – produto de técnicas normativas – não se vincula

totalmente à autoridade paterna, como anteriormente: agora é o sujeito responsável, que necessita aprender a vestir-se adequadamente (de acordo com indicações médicas) -, cuidar de si e, principalmente, submeter-se à uma nova moral, que tem na observância da nova estrutura familiar sua característica dominante.

Os excluídos desse paradigma familiar eram vistos como casos quase patológicos: os “libertinos”, as **mundanas** e até mesmos os celibatários são vítimas de discriminação operada de acordo com uma moral que, “fundada na ciência, passa ser disciplina médica”. Figuras integradas familiarmente – e portanto socialmente – são predominantes na primeira fase da obra de Machado, mais notadamente em seu primeiro romance.

Ressurreição (1872), em que o autor “procurava clarear o obscurantismo dos valores mais rígidos da família colonial”, sem assumir um “tom autoritário nem tradicional”.

O pleno exercício da **razão cética** em Machado é explicitado nos romances da sua Segunda fase, nos quais aparecem personagens que assumem uma recusa ativa dos mencionados preceitos, através de um “total tédio à constroversia”, em grande parte originado em sua exclusão das estruturas determinadas pela nova socialização. Tais personagens são celibatários (o comendador Aires), isolam-se da vida “mundana” (Dom Casmurro) e podem até ser defuntos, como Brás Cubas, uma espécie de culminância na lógica implacável do autor: a supressão total de qualquer julgamento, uma das características clássicas do ceticismo.

Estes “novos pedagogos” da relações sociais promovem sucessivos “desnudamentos” dos rituais europeizados impostos como signos de ingresso em uma civilidade ausente no país. A demolição ds mistificações sociais não se dá, no entanto, de forma arrebatada ou trágica, mas através de uma transparência da posição cética na banalidade e no coloquialismo.

Ao observar que “o amor dura o tempo da boa vontade dos joalheiros em fiarem aos namorados”, ou que a verdade é estabelecida por cada indivíduo de acordo com “a ponta do próprio nariz”, Machado expressa, através de Quincas Borba, uma concepção de ceticismo próxima àquela do filósofo romeno contemporâneo E.M. Cioran, para quem o pensamento é um constante “exercício de desfascinação”. Os personagens machadianos “desfascinizam” a sociabilidade moderna, movidos pelo que ele mesmo chama de “reflexões imorais”.

No seu contexto histórico, Machado se distinguia na produção literária dominante, que incorporava entusiasticamente o tom de cientificidade presente na sociedade “modernizada”, através de uma preferência declarada pelo psicologismo e o naturalismo como dados fundadores da articulação dramática.

Apesar de marcada por uma fonte individualismo, a narrativa machadiana parece afastar-se do psicologismo na medida em que o dado fundamental para sua compreensão é a **individuação** enquanto processo, no qual a interioridade não acarreta necessariamente o dado psicológico. O personagem em Machado não pode ser visto enquanto sujeito **da experiência**, no qual um dado psicológico se apresentaria de forma **residual**, definindo somente o seu lugar nesta experiência. O traço que determina a

experiência comum entre figuras como Quincas Borba, Brás cubas e Simão Bacamarte está na consciência rigorosa dos processos de fragmentação que constituem o indivíduo moderno.

Assim como Cioran, hoje, Machado em seu tempo estava consciente de que “a vida só é tolerável pelo grau de mistificação que se põe nela”. E faz da desmistificação a força motriz de seu pensamento e de sua literatura. (Murizy. 1996. 80-82)

2.2 – O DISCURSO DE O ALIENISTA

A casa, a habitação, a cidade, o monumento têm sido empregados como símbolos do homem ou de sua moral, desde que a humanidade existe. Encontramos, no Novo e no Velho Testamento, exemplos disto, entre tantos outros manuscritos da antigüidade histórica. Em *O Alienista*, Machado de Assis utiliza a metáfora da Casa Verde para abrigar todos os habitantes da cidade de Itaguaí que porventura estivessem sofrendo de algum achaque, perturbações nervosas e comportamentos considerados inadequados para a medicina da época. A Casa Verde presente na obra traz uma significação que pode ser interpretada como um lugar, segundo as cores da bandeira brasileira, e ao mesmo tempo esconde o que há de pobre fora dela, ou seja, por quem interna, controla, corrompe, em nome da medicina – Simão Bacamarte. É uma crítica sutil ao positivismo que imperava no país no final do século XIX.

A Casa Verde foi o nome dado ao asilo, por alusão à cor das janelas, que pela primeira vez apareciam em Itaguaí. Inaugurou-se com imensa pompa: de todas as vilas e povoações próximas e até remotas, e da própria cidade do Rio de Janeiro correu gente para assistir-se às cerimônias, que duraram sete dias. Muitos dementes já estavam recolhidos; e os parentes tiveram ocasião de ver o carinho paternal e a caridade cristã com que eles iam ser tratados. (Machado de Assis. 1989:20)

A utilização da Casa Verde em *O Alienista* adquiriu um sentido alegórico que lhe dá o caráter de metáfora principal. A casa também pode ser vista como o símbolo da alma e, por extensão, das mais sólidas virtudes da moral humana. Fica clara, desde o início do conto, a questão da ética de Bacamarte e seus desvios morais, como no seguinte trecho:

“A Casa Verde é um cárcere privado, disse um médico sem clínica. Nunca uma opinião pegou e grassou tão rapidamente. Cárcere privado: eis o que se repetia de norte a sul e de leste a oeste de Itaguaí. – a medo, é verdade, porque durante a semana que se seguiu à captura do pobre Mateus, vinte e tantas pessoas – duas ou três de consideração – foram recolhidos à Casa Verde. O alienista dizia que só eram admitidos os casos patológicos, mas pouco gente lhe dava crédito. Sucediã-se as versões populares.

Vingança, cobiça de dinheiro, castigo de Deus, monomania do próprio médico. (Machado de Assis. 1989:34)

Desse modo, a construção da casa simboliza o lugar questionável de cura, uma vez que o próprio povo temia ser internado em uma casa que era um cárcere, não sendo possível qualquer frase ser uma expressão direta dos sentimentos pessoais de qualquer cidadão, inclusive do padre.

“O vigário derreou os cantos da boca, à maneira de quem não sabe nada ou não quer dizer tudo; resposta vaga, que e não pode repetir a outra pessoa por falta de texto. (Machado de Assis. 1989:36)

Pode-se compreender o símbolo da Casa Verde, portanto, com duplo significado onde se encaixa o espírito crítico – anedótico de Machado de Assis. Ora, se em pleno fervor científico, um médico ambicioso interna pouco a pouco todos os habitantes de sua cidade e esta Casa é sinônimo de esperança, por outro lado, lá estão em sofrimento que não têm voz porque não têm poder suficiente para oporem-se ao alienista. A casa está plena de almas (= psique em grego). Há a alegoria do hospício dentro de uma forte crítica ao poder da medicina, somado ao poder político que era o mais forte quando se introduziu a psiquiatria no Brasil.

Os loucos por amor eram três ou quatro, mas só dois espantavam pelo curioso do delírio. O primeiro, um

Falcão, rapaz de vinte e cinco anos, supunha-se estrela – d' alva, abria os braços e alargava as pernas, para dar-lhes certa feição de raios, e ficava assim horas a perguntar se o sol já tinha saído para ele recolher-se. (Machado de Assis. 1989:22)

As expressões sublinhada são metáforas por trazerem um sentido subjacente ao significado usado pelo código. Metáfora vem do grego (= metaphora, transporte). Logo, metáfora é o procedimento pelo qual se transporta a significação própria de uma palavra a uma outra significação, que só lhe convém em virtude de uma comparação subentendida.

A escolha do Simão Bacamarte também pode ser submetida a uma análise. A escolha do nome tem a ver com uma arma de fogo e Simão é um nome bíblico.

Bacamarte é uma arma de fogo que pode matar, ferir ou imobilizar. Ele é o poderoso temido por todos, mesmo por aqueles que se corrompem por dinheiro. A vaidade e a ambição de Bacamarte são imensuráveis e, neste conto, fica presente uma reflexão sobre o perigo dos hospícios, a falta de razão dos médicos psiquiatras, o questionamento, ainda atual no país, sobre a questão do internamento em clínicas particulares, onde está o doente, o lugar e o papel da família nesta relação, a impotência daquele que serve de bode expiatório para toda uma loucura familiar que o prende em um cárcere com belas janelas verdes, até ver o seu fim.

“Poderia convidar alguns de vós, em comissão dos outros, a vir ver comigo os loucos reclusos; mas não o faço, porque seria dar-vos razão do meu sistema, o que não farei a leigos nem a rebeldes. (Machado de Assis. 1989:43)

Quanto à metonímia, do grego “metonymia”, mudança de nome, é o procedimento pelo qual exprime-se o efeito pela causa, o conteúdo pelo continente, o todo pela parte.

A metonímia é sempre um não senso aparente, de tal modo que precisamos efetuar mentalmente conexões indispensáveis à compreensão da expressão metonímica. Por exemplo:

A salvação de Itaguaí está nas vossas mãos dignas e heróicas. Destruamos o cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno. (Machado de Assis. 1989:44)

O significante mãos substitui vontade, coragem e ainda se opõe à falta de ação por parte dos internos. As mãos simbolizam ação coletiva e pessoal, necessária para a destruição do asilo. A expressão “a pão e água” é a parte que representa a comida, as refeições escassas. A metonímia é investida para que se esforce para cobrir a falta. Assim, damos conta da indestrutibilidade do desejo que procede freneticamente por incessantes remissões de um objeto a outro, de um significante a outro.

A metonímia também faz intervir unidades – mais freqüentemente convencionais – de conotação ideológica. Há metonímia na medida em que a ideologia corrente aumentou suficientemente o âmbito de um termo para lhe conferir capacidades englobantes: *Sua Majestade, Protetor, Bacamarte, Casa Verde, Bastilha*. Ao escolher estes nomes, Machado alcança um tipo de expressão que lhe permite ser crítico.

Para finalizar, percebe-se que o autor fecha o discurso, como no início, feito uma crônica que relata a vida do alienista através do uso da alegoria como significado para reportar-se ao todo. No lugar do signo Itaguaí, podemos ler Brasil e no do personagem de Simão Bacamarte, todos os ilustres médicos que se entregam à ciência de corpo e alma.

O personagem médico, Bacamarte, constrói um asilo com o dinheiro do povo, interna toda a cidade, enfrenta o poder do governo para finalmente libertar a todos por uma questão científica. A ironia e posição contrária de Machado de Assis à psiquiatria da época e às instituições psiquiátricas enfatizam sua visão sobre o conceito de loucura. Para isto, tomamos as palavras do alienista no final do discurso literário.

(...) trata-se de uma doutrina nova, cujo primeiro exemplo sou eu. Reuno em mim a teoria e a prática. (...) Fechada a porta da Casa Verde, entregou-se ao estudo da cura de si mesmo. (Machado de Assis. 1989:66)

Portanto, verificamos, nessa parte, algumas características estilísticas, do realismo machadiano ao fazermos uma análise do discurso literário em *O Alienista*, uma irônica alegoria que aborda o espaço do hospício e do psiquiatria. Através da análise desse discurso, podemos descobrir a lógica das relações que ele exclui e vemos a diferença, onde se introjeta o outro - real do escritor.

2.3 – RAZÃO E DESRAZÃO. O DISCURSO DO PODER

Não é preciso remontar a Erasmo de Roterdã para entender que, no século XIX, a insânia ou a monomania era moda como tema literário e seu desenvolvimento leva a uma efusão de expressões. Considerando-se a extensão de alcance da teoria, o que significa exatamente ser louco para o autor? Significa o elogio machadiano à loucura? Vamos considerar, nesse ponto, a questão da razão e da loucura.

A literatura goza de um estatuto privilegiado no meio das atividades semióticas, porque ela tem a linguagem como ponto de partida e como ponto de chegada. Ela lhe fornece tanto sua configuração abstrata quanto sua matéria perceptível, sendo ao mesmo tempo, mediadora e mediatizada. (Todorov, 1970:54)

(...) que esta deslocação de população levava-o a examinar os fundamentos de sua teoria que excluía à razão todos os casos em que o equilíbrio ds faculdades não fosse perfeito. (...) resultara para ele a convicção de que a verdadeira doutrina não era aquela mas a oposta, e portanto que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades e como hipóteses patológicas, todos os casos em que aquele equilíbrio fosse ininterrupto. (Machado de Assis. 1989: 55-56)

“O *Alienista*” revela um olhar novo e crítico a respeito da questão da loucura. O texto decorrente desse olhar aponta para reflexões sobre a natureza humana e oferece também releituras da ciência de sua época, como a anunciar as propostas e pensamentos surgidos a partir dos anos 60, do século XX, na área de saúde mental.

O texto machadiano parece indicar que o autor percebe a psiquiatria como uma ciência pouco estruturada, que torna seus representantes aplicadores de técnicas implacáveis. O binômio tecnicismo/ humanidade, aí colocado, antecipa uma série de idéias no que concerne às abordagens de internação e tratamento, à aceitação social da loucura, e ainda, à dessacralização da ciência.

Desde sua origem a psiquiatria, no Brasil, retirou seu poder das relações que seu saber mantinha com o Estado. Em *O Alienista*, Machado de Assis capta esta ligação:

... “Mas pode entrar no ânimo do governo eliminar a loucura? Não. E se o governo não a pode eliminar, está ao menos apto para discriminá-la, reconhecê-la? Também não; é matéria de ciência. Logo, em assunto tão melindroso, o governo não pode, não deve, não quer dispensar o concurso de vossa Senhoria. O que lhe pede é que de certa maneira demos satisfação ao povo. Unamo-nos, e o povo saberá obedecer”. (Machado de Assis, 1989:50)

A questão do poder deve ser entendida como uma multiplicidade de forças intencionais e subjetivas que se auto-reproduzem. O poder não tem dono, não é propriedade, ele se exerce e onde ele existe há resistência e, espantosamente, o poder constitui também as resistências a ele próprio. Foucault (1987) mostra como a população dos hospitais gerais tem a mesma fisionomia da que, na atualidade, procura os consultórios ou povoa os hospitais psiquiátricos. A intenção de Foucault é a de entender a psicanálise como uma forma de controle social e como um prolongamento do saber psiquiátrico.

Compreendemos que houve um desdobramento do controle psiquiátrico para uma outra forma de controle social, desta feita exercida pela psicanálise. E, no discurso literário de Machado de Assis, articulam-se poder e saber.

Em *O Alienista*, o poder tem a Casa Verde como símbolo de uma instituição psiquiátrica do final do século XIX. A alegoria se baseia em uma Casa Versa chefiada por um poderoso e obsessivo

médico chamado Bacamarte. A ironia de Machado transcende o espaço lógico da narrativa para dar lugar a esta alegoria.

O poder da Casa Verde se dá em diferentes níveis: o nível do sujeito, o da loucura em polaridade com a razão e o do poder do Estado. O segredo, o discurso e o silêncio nem são opostos ao poder e nem estão necessariamente ligados a ele. Daí todos terem segredos com todo, até o próprio Bacamarte para com o amigo, Boticário Crispim Soares:

“O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, os seus diversos graus, classificar-lhe os casos, descobrir enfim a causa do fenômeno e o remédio universal. Este é o mistério do meu coração. Creio que com isto presto um bom serviço à humanidade. (Machado de Assis. 1989:24)

O discurso crítico presente n' *O Alienista* mostra que os elementos de sustentação do poder de Bacamarte são os mesmos que irão derrubá-lo.

As novas formas de poder, técnicas de saber e procedimento discursivo expandem seu controle através de dispositivos recentes de poder, i.e., a medicina, a educação e, no final do século XIX, a psiquiatria.

A psiquiatria aparece, no Brasil, justamente com a criação, no Rio de Janeiro, de um hospício para o tratamento de doença

mentais. É o hospício para o tratamento de doenças mentais. É hospício Pedro II que, em 1852, passa a enclausurar a alienação e a tirá-la de circulação. É a psiquiatria que cria espaço próprio para o enclausuramento do louco, passando a dominá-lo.

A prática psiquiátrica, no início, foi auxiliada por leigos ou religiosos que ocupavam os cargos administrativos dentro dos asilos, entretanto, logo a psiquiatria instituiu com fundamentação teórica. Esta instituição passa a articular-se com o Estado, visando a que este fique dependente de sua orientação no que concerne à saúde pública. O mesmo se dará, mais tarde, quando a família se torna dependente da orientação da psiquiatria, pois é ela que tomará a seu encargo o louco que faz funcionar mal o grupo familiar.

Desse modo, o discurso de O Alienista mostra que o rigor científico da psiquiatria é manipulador, enquanto se apropria do saber sobre qualquer transtorno mental, sendo também passível de mudanças. Ao criar essa alegoria, Machado de Assis parece preconizar a dificuldade de limitarmos uma fronteira entre sanidade mental e loucura. Simão Bacamarte organiza um espaço hospitalar da loucura, isolando completamente os doentes, sem qualquer critério, senão o que ele próprio inventou: todos que tenham qualquer desvio de comportamento e/ou transtorno das faculdades mentais são loucos.

“Este ponto de crise de Itaguaí marca também o grau máximo da influência de Simão Bacamarte. Tudo quanto quis, deu-se-lhe e uma das mais vivas provas do poder do ilustre médico achamo-lo na prontidão com os vereadores, restituídos a seus lugares, consentiram em que Sebastião Freitas também fosse recolhido ao hospício. (Machado de Assis. 1989:52)

O hospício vai servir, entre outras coisas, como instrumento político de anulação dos indesejáveis e de seus inimigos, como Machado deixa claro em *O Alienista*. Além do mais, o hospício simboliza um lugar onde o poder coloca qualquer pessoa que considere fora das normas vigentes. Neste aspecto, entra o nível extra - científico do médico Bacamarte. Ele interna, aos poucos, todos os que ele quer internados, inclusive sua mulher. Este aspecto da narrativa é jocoso, e ao mesmo tempo crítico, já que envolve a Igreja no personagem do padre Lopes. O padre acompanha de perto todos os atos de Bacamarte e não intervém.

Esse modelo de instituição psiquiátrica, ainda presente no Brasil, vigia e submete ao seu poder o que considera desvios de comportamento comprometidos com a segurança pública, inclusive com a convivência da Igreja Católica.

O vigário Lopes, a quem ele confiou a nova teoria, declarou lisamente que não chegava a entendê-la, que era uma obra absurda, e se não era absurda, era de tal modo colossal que não merecia princípio de execução. (Machado de Assis. 1989:29)

Existe, ainda, a questão do processo das ciências naturais e sua aplicação técnica, que vieram contribuir largamente para o controle da natureza de uma forma muito rápida. Os homens se orgulham de suas realizações, mas ignoram que o poder recentemente adquirido sobre o espaço e o tempo, a subjugação

das forças da natureza, não aumentaram a quantidade de satisfação prazerosa que poderiam espera da vida. (Freud, 1929: 107)

É preciso também destacar que Machado de Assis incorpora ao seu texto, com sutil ironia, alguns outros discursos, redimensionando a sua crítica de modo ainda mais amplo, como por exemplo:

- **mitológico:** ela era a esposa do novo Hipócrates, a mulher da ciência, anjo, divina, caridade, vida, consolação; trazia nos olhos duas estrelas segundo a versão modesta de Crispim Soares e dois sóis no conceito de um vereador. (Machado de Assis, 1989:36)

- **bíblico:** - A caridade, Sr. Soares entra decerto no meu procedimento, mas entra como tempero, como o sal das coisas, que é assim que interpreto o dito de São Paulo aos Coríntios: “Se eu conhecer quanto se pode saber, e não tiver caridade, não sou nada.”(Machado de Assis, 1989:21)

- **épico:** - Meus amigos, lutemos até o fim! A salvação de Itaguaí está nas vossas mãos dignas e heróicas. Destruamos o cárcere de vossos filhos e pais, de vossas mães e irmãs, de vossos parentes e amigos, e de vós mesmos. Ou morrereis a pão e água, talvez a chicote, na masmorra daquele indigno” (Machado de Assis, 1989:47)

2.4 – A LOUCURA POSTA EM QUESTÃO

Em *O Alienista*, o poder é questionada, no nível subjetivo, na figura de Simão Bacamarte, tão rígido com seus atos proibitivos que consegue internar toda uma cidade. Ao mesmo tempo, este mesmo Bacamarte elabora uma nova teoria que vem a ser o oposto da primeira, ou seja, todos os normais têm algum tipo de desequilíbrio. Simão Bacamarte reexamina seu experimento e oferece à Câmara a sua nova hipótese:

(...) a verdadeira doutrina não era aquela, mas a oposta, e portanto que se devia admitir como normal e exemplar o desequilíbrio das faculdades, e como hipóteses patológicas todos os casos em que o equilíbrio fosse ininterrupto. (Machado de Assis. 1989:56)

Através do espaço asilar, a psiquiatria pretendia trazer o louco às normas da razão e isto só poderia ser conseguido na medida em que ele pudesse, de ansioso e irritado, tornar-se dócil. Para tal, a psiquiatria usava várias formas de coerção física e moral, como o próprio isolamento, a camisa de força, banhos de embarcação, reclusão solitária, proibição de visitas e de passeios.

Machado faz uma alegoria desse modelo de hospício com a Casa Verde porque ele já apontava para a necessidade de o Estado dar conta de determinado tipo de população. Surgem, assim, as condições para a emergência de um saber que se estabeleceu como instância organizadora e preventiva da população considerada desviante.

Em *O Alienista*, a Casa Verde aponta para um novo saber, situado no limite entre a razão e a desrazão. O discurso machadiano instala uma relativização dessa verdade através da ironia e do humor. O relativismo irônico e desconstrutor de um saber estratificado pode ser encontrado, por exemplo, no nome próprio e no epíteto do personagem principal, Simão Bacamarte, codinome “o alienista”, que se encontra reduplicado no próprio título da obra. O médico dos loucos reúne em si uma excessiva e contraditória significação.

De origem hebraica, o temo “Simão” pode significar o “ouvido de Deus”, além de constituir o nome primitivo de Pedro, o apóstolo bíblico que edificou a Igreja. Já a palavra portuguesa “bacamarte” significa arma de fogo de cano curto e largo, reforçada na coronha. No Brasil, também significa “indivíduo” sem préstimo, pesado, “inútil”, e ainda, “coisa velha”, na gíria carioca. A palavra “alienista” indica, entre outras coisas, “médico e especialista em doenças mentais”. O caráter sagrado, mortal, inútil ou terapêutico dos nomes dos personagens é um dos elementos que revela e deslizamentos dos sentidos ao longo da narrativa.

Da mesma forma, a rígida nosologia de Simão Bacamarte, para quem “*a razão é o perfeito equilíbrio de todas as faculdades*”, transforma-se num caos conceitual que extermina o próprio cientista e convida à reflexão acerca da tênue distância que separa a sanidade dos distúrbios mentais.

A obra apresenta, ainda, questões relativas à noção de loucura na história. O alienista Simão Bacamarte e sua teoria de pan

- insanidade enseja exemplos de demência em Sócrates, Pascal, Calígula.

No conceito dele a insânia abrangia uma vasta superfície de cérebros: e desenvolveu isto com grande cópia de raciocínios, de textos, de exemplos. Os exemplos achou-os na história e em Itaguaí; mas, como um raro espírito que ora, reconheceu o perigo de citar todos os casos de Itaguaí, e refugiou-se na História. Assim, apontou com especialidade alguns personagens célebres. Sócrates, que tinha um demônio familiar. Pascal, que via um abismo à esquerda, Maomé, Caracala, Domiciano, Calíngulka etc. (Machado de Assis. 1989:27)

Podemos pensar, portanto, a loucura como genialidade, rebelião, messianismo e poder. Seja como for, o conceito de doença mental torna-se produto da ideologia e do poder responsáveis pela organização da sociedade e o comportamento dos indivíduos, transformando-se através da história de cada cultura.

“ Se um homem era avaro ou pródigo, ia do mesmo modo para a Casa Verde: daí a alegação de que não havia regra para a completa sanidade mental. Alguns cronistas crêem que Simão Bacamarte nem sempre procedia com lisura e citam o abono da afirmação (...) o fato de ter alcançado da câmara uma postura autorizando o seu de um anel de prata no dedo polegar da mão esquerda, a toda pessoa que, sem outra prova documental ter nas veias duas ou três onças de sangue godo. (Machado de Assis. 1989:53)

Foucault (1987:3) observa que as condições sociais sobre a loucura variam profundamente desde a Antigüidade Clássica e que somente após a Revolução Francesa, com Philippe Pinel e o advento do manicômio, ocorre a institucionalização da doença mental com o surgimento da psiquiatria.

A psicanálise, sendo uma teoria e uma prática nascida e experimentada pela nossa psiquiatria, foi estudada com mais uma técnica importada do continente europeu em matéria de abordagem da doença mental, colocando-a no mesmo nível dos medicamentos, eletrochoques, cirurgias no cérebro do indivíduo (lobotomia) cirurgias nas zonas sexuais femininas (clitoridectomia) e apologia do espaço asilar como forma de obtenção da cura.

Desse modo, a preocupação de Machado de Assis com a questão do espaço asilar e do conceito de loucura é extremamente ligada ao advento da psiquiatria e às instituições para loucos, ou seja, os asilos. Na figura de Bacamarte, Machado faz com que o leitor mude sua óptica histórica e como a estratégia alegórica não pretende conter a totalidade do mundo essa se reconstitui ante cada mudança histórica, pois que mudança afeta o quadro de semelhanças e diferenças que o leitor encontra no conto.

A característica mais relevante da loucura no conto *O Alienista* é o seu caráter duvidoso. Machado de Assis nos leva a refletir sobre a problemática da doença mental e sobre os perigos de uma instituição mal dirigida, do abuso do poder, da falta de ética e até mesmo da falta de convicção em uma teoria que leva um médico poderosa a interna toda uma cidade.

3. CONCLUSÃO

Nos campos de saber dedicados a demência, vemos que, desde o início, a psicanálise deslocou a percepção terapêutica das características da doença mental para a relação com o louco, pois se opunha à ideia de asilamento do indivíduo, uma vez que a direção dos estabelecimentos encontrava-se nas mãos dos psiquiatras organicistas, responsáveis pela institucionalização da loucura como uma doença.

As duas práticas com seus diferentes métodos tinham entre elas uma identidade fundamental: nenhuma procurava entender o sentido do conteúdo das manifestações da loucura, ou seja, o significado da formação delirante, alucinatória etc. Uma vez que vivemos na era tecnológica, filha das ciências, estamos todos implicados nesse contexto de alienação, o que torna decisivo um olhar crítico sobre a prática psiquiátrica e o papel das ciências na sociedade. A preocupação de Bacamarte com a humanidade, seu progresso e razão de ser é o tema apresentado por Machado de Assis que reúne crítica e descrença no seu modo de ver a loucura e os tratamentos para as doenças mentais. A óptica machadiana se une à óptica freudiana no que diz respeito ao sofrimento, à sexualidade, e a posição de ambos se assemelha no que concerne ao bem-estar da civilização contemporânea.

No século XX, vemos uma psiquiatria voltada para a questão do saber e da prática psicanalítica. Isso resultou numa forma de atendimento ao doente mental menos lesiva à sua individualidade, estabelecendo um novo tipo de relação com a doença mental.

Contudo, ainda nos confrontamos com médicos pretensiosos e ambiciosos, como Simão Bacamarte, que eventualmente são capazes de cometer atrocidades pela mera vaidade de estabelecer sua nova teoria sobre o que é razão, normalidade e quem deve, ou não, ser internado e submetido a tratamentos psiquiátricos, sob que lei e à luz de que teoria.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

AMORA, Antônio Soares. História da literatura brasileira. – São Paulo: Ed. Saraiva, 1965.

AZEVEDO FILHO, Leodegário et al. Teoria da literatura. – Rio de Janeiro; Ed. Gernasa, 1973.

BARTHES, Roland. – Novos ensaios críticos – O grau zero da escritura. Trad. de Leyla Perrone – Moisés – São Paulo: Cultrix, 1974.

_____ - Aula. Trad. de Leyla Perrone – Moisés. São Paulo: Cultrix, 1997.

_____ - Crítica e verdade. Trad. Leyla Perrone – Moisés – São Paulo: Perspectiva, 1970.

BOSI, Alfredo et al. Machado de Assis. São Paulo: Ática, 1982.

_____. História concisa da literatura brasileira. São Paulo: Cultrix, 1994.

BRANDÃO, Junito de Souza. Mitologia grega. Petrópolis: Vozes, 1989.

CANGUILHEM, G. O. O normal e o patológico. Trad. de Elvira Souza Lima. Rio de Janeiro: Forense, 1978.

COOPER, David. Psiquiatria e antipsiquiatria. Trad. de José Neto. São Paulo: Perspectiva, 1974.

DOURADO, Autran. Poética de romance: matéria de carpintaria. São Paulo: Difel, 1976.

FILHO, João Ferreira da Silva. A Medicina, a psiquiatria e a doença mental: In: Resende, H. Cidadania e loucuras. Petrópolis: Vozes, 1987.

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade II. O uso dos prazeres. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: ed. Graal, 1984.

_____. Doença mental e psicologia. Trad. de Lilian Rose Chalders. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

_____. História da loucura. Trad. de José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 1978.

FRAGOSO, H. F. Lições de direito geral. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

FREUD, Sigmund. Interpretação dos sonhos. Trad. de Jayme Salomão. Vol. IV, Rio de Janeiro: Imago Editora, 1972.

_____. Cinco lições de psicanálise. Trad. de Christiano Monteiro Oiticica – Rio de Janeiro: Imago, 1978.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. Trad. de Paulo Dias Correa. Rio de Janeiro: Imago, 1979.

GOFFMAN, Erving. Manicômios, prisões e conventos. Trad. de Dante Moreira. São Paulo: Perspectiva, 1974.

GOMES, Eugênio – O Enigma de Capitu – Rio de Janeiro, José Olympio, 1967.

LAINO, Ronald. A Política da experiência. Trad. de Mário Pontes. Petrópolis: Vozes, 1974.

_____. Sobre loucos e sãos. Trad. de Marina Borges Svevo. São Paulo: Brasiliense, 1982.

LIMA, Luiz Costa. A Metamorfose do silêncio. Rio de Janeiro: Eldorado, 1970.

_____. Dispersa Demanda. Rio de Janeiro, F. Alves, 1981.

_____. O Palimpsesto de Itaguaí. In _____. Pensando nos Trópicos (Dispersa Demanda II). Rio de Janeiro: Rocco, 1991.

LOPES, J. L. – A Psiquiatria de Machado de Assis. Rio de Janeiro, Agir, 1981.

MACHADO DE ASSIS, J. M. Papéis Avulsos. Rio de Janeiro: Garnier, 1989.

_____. Memórias Póstumas de Brás Cubas. São Paulo: Dicomel, 1970.

_____. Esaú e Jacó. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

_____. Dom Casmurro. São Paulo, Ática, 1977.

MACHADO, Roberto Et. Alii. Danação da Norma. In _____
Medicina social e constituição da psiquiatria no Brasil. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

MURICY, K. A Razão cética. São Paulo: Companhia ds Letra, 1996.

Nietzche, Friedrich. O Nascimento da tragédia no Espírito da Música.
Trad. de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril, 1974.

RESENDE, H. Política da saúde mental no Brasil: visão histórica. In.
Cidadania e loucura. Petrópolis: Vozes, 1987.

TODOROV, Tzvetan. As Estruturas narrativas. Trad. da Dante
Moreira. São Paulo: Perspectiva, 1970.

VERÍSSIMO, E. Breve história da literatura brasileira. São Paulo :
Globo, 1997.

ABSTRACT

This work analyzes Machado de Assis' short story *The Aleinist*. Centered on the delusions of Simão Bacamarte, a physician and psychiatrist, in this fiction are reflected the impasses and intentions of the scientific conceptions of the nineteenth century, particularly of the Positivism which has profound links with the birth of the Humanities. On the hand, the thirst for a scientifically sound explanation of its object, in this case madness. And on the other the right he attributes himself of arbitrating on madness and the mad, and of acting upon these arbitrations with complete and total powers. Machado de Assis' work denounces the link between science and power, as well as the appropriation by men of science of the right each individual possesses of telling his or her own truth. This conducts the story to its final irony: there seems to be more madness in the pretension of establishing clear – cut limits between reason and madness than in losing oneself between these proposed limits.